LUMEN ET VIRTUS
ISSN: 2177-2789

SIONISMO, GÊNERO E JUDAICIDADE: UMA ANÁLISE DOS ESTATUTOS DAS DAMAS ISRAELITAS NA BELÉM DE 1948

https://doi.org/10.56238/levv15n43-123

Data de submissão: 26/11/2024 **Data de publicação:** 26/12/2024

Caroline Barros Soares
E-mail: carolinebarros1708@gmail.com

RESUMO

Este artigo contemplou a prática de analisar o estatuto das Damas Israelitas no Pará de 1948, a partir da abordagem de gênero decolonial sobre as dinâmicas das mulheres do estatuto, desenvolvendo uma análise do discurso a partir da judaicidade. Os objetivos foram analisar o discurso do estatuto das Damas Israelitas, visando uma melhor compreensão sobre suas agências. A metodologia envolveu uma revisão bibliográfica da historiografia judaica, mais precisamente sobre as judias, além de contemplar o conceito de sionismo e judaicidade, resultando assim na tranversalização de saberes sobre o feminino, o sionismo e a judaicidade na Belém de 1948. Em síntese, é necessário pensar nas Damas Israelitas por uma abordagem de gênero que transpassa a identidade judaica e o movimento sionista na Amazônia.

Palavras-chave: Identidade Judaica. Feminino. Sionismo. Belém. 1947-1948.

1 INTRODUÇÃO

Podemos considerar que o cotidiano de uma parte das judias belenenses possui características identitárias singulares no período de 1948, pois alguns dos fins da Associação de Damas Israelitas do Pará como os dispostos a seguir: aproximar e congregar as Damas Israelitas do Pará; despertar a consciência nacional da mulher e propagar o sionismo entre as mulheres judias. Assim, o cotidiano e as características do movimento sionista, sobretudo das mulheres integrantes da Associação de Damas Israelitas do Pará, fundada em 19 de junho de 1947 e constituída de contribuições dos sócios, impulsionados por uma identidade judaica e uma articulação sociopolítica de oposição ao antissemitismo, gerou uma tentativa de estabelecer um sionismo político para a coletividade feminina.

Analisando, neste artigo, o estatuto da Associação de Damas Israelitas do Pará para compreender as agências das judias integrantes desse movimento, bem como os sentidos dos conceitos de sionismo, terra de Israel, identidade judaica e feminilidade no judaísmo, as principais teorias aqui compartilhadas são de Bergman (2002), Sand (2014), Grin e Sorj (2008), Benchimol (2013), Pinto (2021), Frankiel (2000), Butler (1990) e Scott (1995), entre outros.

> RESUMO DOS ESTATUTOS DA "ASSOCIAÇÃO DE DAMAS ISRAELITAS DO PARÁ", APROVADOS EM SESSÃO DE ASSEMBLEIA GERAL, REALIZADA EM...
> Determinação – Associação de Damas Israelitas do Pará.

A saber, a formação do Estado moderno de Israel, em 1948, esteve intrinsecamente ligada ao movimento sionista

> [...] os judeus laicos se apaixonaram pelo ideal sionista (mais do que os judeus religiosos). O sionismo resgatou-os de sua aflição ideológica, sentimento que não incomodava os judeus religiosos, pois a Torá lhes dava tudo o que precisavam em termos de identidade nacional, preenchendo suas vidas com conteúdo. Não precisavam de sentimentos nacionais como oxigênio para o espírito, a exemplo dos judeus sionistas. (Bergman, p. 17, 2002)

Um outro ponto que dificulta na compreensão da mentalidade judaica acerca do sionismo é o discurso dicotômico entre os judeus laicos e os judeus religiosos, que incide em poucas escritas da história da participação das mulheres no que tange ao sionismo paraense, existindo algumas menções nas obras de Benchimol (2013) e Pinto (2021).

Nessa linha de pensamento, circunscrevendo ainda mais o campo da pesquisa, analisaremos o discurso do estatuto da Associação de Damas Israelitas do Pará de 1948, visando uma melhor compreensão das agências desses sujeitos no movimento sionista, sendo necessária uma abordagem de gênero e etnográfica para compreender os matizes deste grupo social, bem como a complexidade da condição da mulher no judaísmo e o cotidiano da cidade de Belém em 1948.

2 SOBRE A METODOLOGIA

Por que discorrer a respeito do estatuto da Associação de Damas Israelitas do Pará? Como historiadora, acredito que devemos problematizar a respeito da agência feminina no movimento sionista de 1948, muitas vezes pouco estudada na historiografia brasileira contemporânea. Ao mesmo tempo que a imagem das guerrilheiras judias durante a Segunda Guerra Mundial em obras como a de Batalion (2020) evoca um sentido muito heroico, como se demonstra a seguir: "Essas 'garotas do gueto' subornaram os guardas da Gestapo, esconderam revólveres em pães e ajudaram a construir sistemas de bunkers subterrâneos". (BATALION, tradução da autora p. 2-3, 2020).

De tal forma, a autora deste artigo começou a procurar figuras femininas ativas no projeto de colonização da Palestina durante a formação do Estado moderno de Israel, encontrando, assim, associações de ajuda comunitária lideradas por mulheres, tendo em vista que a condição judaica deste grupo étnico foi marcada indelevelmente por perseguições. Deste modo, a imagem arquetípica das guerrilheiras que combateram na Segunda Guerra Mundial, bem como a das pioneiras que saíam fugidas do antissemitismo na Europa para lavrar e ocupar as terras na Palestina eram construções simbólicas da imagem da invenção da terra de Israel, que era comumente usada para justificar as investidas sionistas nas terras palestinas – construindo, assim, uma imagem das judias mães das terras para o povo judeu e gerando um apagamento das agências de outras figuras da diáspora ou dispersão judaica.

De tal forma, a análise dos documentos do estatuto evidencia que

> O documento que, para a escola histórica positivista do fim do século XIX e do início do século XX, será o fundamento do fato histórico, ainda que resulte da escolha, de uma decisão do historiador, parece apresentar-se por si mesmo como prova histórica. A sua objetividade parece opor-se à intencionalidade do monumento. Além do mais, afirma-se essencialmente como um testemunho escrito. (Le Goff, 2013, p. 486)

Sendo notório frisar que a escrita da história desta minoria perpassa uma historiografia do antissemitismo (Poliaklov, 1996; Poliaklov,, 1996; Poliaklov, 2007), já que as perseguições forjaram a identidade semita, pois com o advento do liberalismo as massas de judeus começaram a se fundir com as sociedades onde viviam, deixando de lado o Iídish, costumes e, até mesmo, a filosofia judaica talmúdica, tradições rabínicas. Diante disso, os judeus seculares enxergavam uma possível ofensiva antijudaica na Alemanha, então eles começaram a desenvolver uma identidade judaica mais política e cultural, nada teológica e talmúdica. Muitos começaram a se articular, fazendo congressos sionistas e, tempos mais tarde, eles começaram a ir para a Palestina para fazer assentamentos judaicos coletivos com caráter comunista. Apenas décadas mais tarde, rabinos (líderes religiosos) se voltaram para este movimento.

Para essa pesquisa, foi escolhida a análise discursiva das narrativas do Estatuto da Associação de Damas Israelitas do Pará, tal escolha foi feita devido ao fato de que, se tomarmos como pressuposto

teórico a micro-história das mulheres israelitas que participaram do estatuto a partir do paradigma indiciário, é possível compreender as conjunturas socioculturais da condição judaica sionista no Pará, bem como a mentalidade acerca de sionismo, terra de Israel, identidade judaica e feminilidade no judaísmo. Também é importante marcar que, seja na história amazônica e na visão religiosa judaica, a condição do imaginário sociocultural sobre o feminino ainda é pouco estudada.

Os documentos de caráter oficial de todo o estatuto, bem como o anexo, um documento de abaixo-assinado, as páginas do jornal Diário Oficial, Diário da Justiça e do Boletim Eleitoral de 1948, ademais, foram transcritos trechos de outros jornais sionistas brasileiros que tangenciam sobre a mulher do mesmo período. Assim, para problematizar as representações, estigmas e silenciamentos acerca deste grupo social, tomando como pressuposto que todo documento é um monumento.

Para pensar a realidade do feminino no movimento sionista paraense, apresenta-se a seguir o desenvolvimento dos tópicos: Retrospectiva histórica do judaísmo na Amazônia focando na condição da mulher judia paraense; Sionismo e Shimiut versando sobre os conceitos de sionismo, terra de Israel e tradição rabínica sobre a mulher e Cotidiano da Belém de 1948.

3 RETROSPECTIVA HISTÓRICA DO JUDAÍSMO NA AMAZÔNIA, FOCANDO NA COND IÇÃO DA MULHER JUDIA PARAENSE

Diante do exposto, é notório que ao falar sobre características de sujeitos que são, muitas vezes, estigmatizados ou pouco compreendidos pela sociedade faz-se necessário adentrar um pouco em suas nuances, pois na maioria das vezes, as diferenças culturais e religiosas, (como no caso dos semitas) ficam restritas a poucos pesquisadores, incidindo, portanto, em produções intelectuais orientalistas, sobretudo no caso da experiência da mulher judia, pois se pensarmos no fato de que a imigração que começou no século XIX deste grupo de origem majoritariamente marroquina que tinha dinâmicas dentro do próprio Oriente Médio, específicas no que tange à agência feminina na organização em suas comunidades devido ao discurso do Iluminismo Judaico de emancipação feminina mesmo em meio a culturas patriarcais como as do Império Turco-Otomano.

Ademais, um desses veículos de emancipação foi a organização semita que fomentou a criação de escolas no Oriente Médio, a Alliance Israélite Universelle (AIU): “Em 1863, fundou-se a primeira escola em Istambul e outras se seguiram na maior parte das cidades do Império Otomano” (MIZRAHI, p. 49, 2003). Por isso, aqui faço uma digressão em poucas linhas para demonstrar os diferentes tipos de organização judaica com participação feminina em Belém para demonstrar uma periodicidade que antecede a criação do estatuto da Associação de Damas Israelitas do Pará de 1947. Todavia, é necessário levar em consideração o papel da Alliance Israélite Universelle, que redimensionou a experiência judaica, bem como a condição da mulher nas comunidades, como se verifica no excerto a seguir:

> A Alliance teve a função de levar a educação formal às mulheres, presas as antigas e restritivas tradições árabes, utilizando-se de valores ocidentais numa socie- dade profundamente patriarcal, essas escolas, apesar do desacordo frontal de algumas famílias judias, exerceram importante tarefa na emancipação feminina. As professoras, com especialização em Paris, inspiradas na idéia fraternal da Alliance, tiveram a missão de esclarecer as populações pelo exemplo e por seus conselhos. (Mizhari, 2003, p. 50)

Um outro ponto que se deve levar em consideração, é que a AIU, que atuou no Norte da África, sobretudo no Marrocos, ao mesmo tempo em que propiciou uma identidade judaica e ajudas mútuas na comunidade em fins do século XIX, foi sólida o suficiente para os seus ideais imigrarem junto dos grupos que saíam do Norte da África para o Norte do Brasil e também pode ter possibilitado que a atuação e presença das mulheres, já na Amazônia do século XX tivesse, já no começo do século, as seguintes características: "Entidade de benemerência criada em 07 de abril de 1924 sob os auspícios do Comitê Israelita do Pará, com a coordenação da Sra. Julia Nahon, visando auxiliar famílias judias carentes" (Pinto, p. 63, 2021)

A posteriori, vale pontuar que, além das características da mulher judia árabe apontadas pela digressão feita acima sobre a presença judaica na Amazônia, é de suma importância apontar que as estruturas regionais da imigração deste grupo étnico que forjou instituições bem alicerçadas, tanto no âmbito econômico quanto no âmbito social das sinagogas, os templos religiosos judaicos, como na criação do estatuto, em 1947, que visava integrar a comunidade feminina israelita em Belém, propiciou a agência de pessoas que tinham valores políticos e ideológicos que as distinguiam de outras realidades belenenses, pois certamente Messody Benchimol (presidente, brasileira, casada, comerciante, residente na cidade de Belém, à Avenida Gentil Bittencourt n. 9), Alia Pazuelo (vice-dita, brasileira, casada, prendas domésticas), Gimol Tobelem (1ª secretária, brasileira, casada, comerciante), Violeta B. Serfaty (2ª dita, brasileira, casada, prendas domésticas) e Messody Serruya Bentes (tesoureira, brasileira, casada, contabilista) estavam a par da importância de uma integração comunitária aos elementos unificadores da identidade judaica sionista, tendo em vista que uma das atribuições da diretoria do Departamento de Cultura da Associação de Damas Israelitas do Pará era promover palestras de caráter religioso, cientifico, cultural, etc, bem como o estatuto desta organização também prevê a organização da biblioteca da associação com o intuito de proporcionar às sócias o desenvolvimento moral e cultural através de boas leituras, sendo possível argumentar que a estrutura desse grupo possui práticas análogas às práticas de Anita Levy e de seu pai na década de 1930.

> O major Eliezer, mesmo nesses tempos de crise, jamais perdeu a sua consciência política e comunitária, pois após haver deixado o interior, onde além de político tinha uma companhia de navegação, foi um ardoroso sionista, tendo fundado o jornal A Voz de Israel. A sua filha Anita Levy fundou, na década dos anos 30, juntamente com o seu primo, o erudito e sábio David José Perez, o Deborah Clube, uma associação de moças com o objetivo de fazer reuniões, festas e ajudar a comunidade. (Benchimol, 2013)

Mostrando, assim, que as articulações políticas dos judeus de origem hispano-portuguesa marroquinos no Norte do Brasil eram já bem estruturadas, refutando discursos que tratam do sionismo como articulação política típica dos judeus asquenaze, ou seja, grupo do Leste da Europa, da Alemanha e da Rússia, como aparece em obras como a de Gherman (2021). Ao mesmo tempo, esses diferentes grupos falam em uníssono com o anseio de um grupo que gostaria de ver seu povo livre na terra de Israel, movidos por uma esperança, há quase dois mil anos, para ver o Monte Sião e o Muro das Lamentações, pois na diáspora eles se voltavam ao rezar para Jerusalém. Mas é necessário dizer que o movimento sionista, que surgiu na Europa no século XIX, era, em seu começo, estritamente secular, sendo quase uma contracultura aos processos de heterogeneidade cultural na Alemanha moderna, aonde os judeus se viam no Iluminismo Judaico, incidindo na prática da Associação de Damas Israelitas do Pará em promover tanto elementos identitários religiosos, quanto as ciências e a literatura, como foi possível observar nas atribuições da Diretoria de Cultura.

Em suma, a narrativa histórica sociocultural dos fluxos e refluxos imigratórios e emigratórios do povo hebreu da antiga Israel até seus descendentes na diáspora demonstra uma unidade tal qual a unidade proferida na oração maior do povo judeu, Shemá Israel (“Ouve, Israel, o Eterno é nosso D’us, o Eterno é Um”), discurso este contido nas fontes nas fontes vinculado à Diretoria do Departamento Social da Associação de Damas Israelitas do Pará.

> c) Fazer as comunicações de todas as festas que venham a ser realisadas, não só á sociedade como a todas as socias.
> d) Preparar e submeter á Diretoria o programa de reuniões sociais que se deverão realisar no mes seguinte.
> e) Estarem presentes ao local da festividade, antes do inicio das mesmas, só se agastando após todas as providencias relativas aos seus terminos.
> f) Contribuir para a eficiente propaganda das festas e reuniões sociaes.[i]

Sendo possível inferir que as festas referidas no estatuto podem ser tanto de ordem litúrgica, vinculadas às festividades do calendário hebraico, como de ordem social com um teor muito mais de socialização, sendo notório lançar luz acerca da esfera do espaço público e do espaço privado, ou melhor dizendo, dar enfoco ao fato de que as atribuições dos cargos das Damas Israelitas do Pará incidem em uma redimensão da história social com seus cotidianos previstos no estatuto ao sistematizar a obrigatoriedade da presença antes do início e depois do fim das festividades, bem como de informar sobre todas as festas, demonstrando a dinâmica:

> As mulheres circulam pelo espaço público, aonde as chamam suas funções mundanas e domésticas. Os homens são, na verdade, os senhores do privado e, em especial, da família, instância fundamental, cristal da sociedade civil, que eles governam e representam, dispostos a delegar às mulheres a gestão do cotidiano (Perrot, 1998, p. 10)

Concomitantemente a isso, é possível inferir que a realização de uma sistematização de uma associação semita voltada para mulheres é uma manifestação de uma organização econômica e cultural que só pôde ser construída a partir de valores convergentes, sobretudo políticos, pois nestes documentos há um discurso de difusão do movimento sionista e integração e participação das judias sefarditas – Benchimol, Pazuelo, Tobelem, Serfaty e Serruya Bentes. Destarte, os sobrenomes das integrantes listadas no estatuto são de origem sefardita, ou seja, hispano-portuguesa, de judeus em sua maioria radicados no Marrocos segundo a genealogia feita por Benchimol (2013).

Seus costumes específicos refletem histórias de imigrantes singulares, desde os pogroms russos que culminaram na ida dos semitas para os Estados Unidos até a chegada dos sefarditas em Belém, todos eles demonstram que a história comparada deve partir de um ponto específico no que tange as suas regionalidades, pois as características do discurso do estatuto demonstram demarcações sociais bem claras de articulação política e ideológica para uma participação mais ampla com outros grupos parecidos, tal qual o jornal "A Columna" de 1916-1918 no Rio de Janeiro como se verifica, no inciso 1 do Artigo 1º do estatuto da Associação de Damas Israelitas do Pará, "a ASSOCIAÇÃO poderá ou não filiar-se a qualquer Federação de Sociedades Israelita, que venha a ser fundada nesta cidade ou fora dela".[ii]

Entretanto, é necessário compreender que as convergências são pontos pequenos perto das divergências, de tal forma que traçar a retrospectiva histórica desses imigrantes deve ser visto à luz de uma comparação cautelosa e não generalizante, sobretudo no caso brasileiro, pois a formação da identidade nacional por parte dos semitas erradicados no país foi paulatina, como se verificou nos esforços

> [...] como editor do jornal A Columna, os interesses de Pérez, expostos nos anos de 1916 e 1917, sobretudo em artigos da revista criada por ele, podem ser entendidos a partir de três frentes distintas: a primeira delas está vinculada aos esforços para criar canais efetivos entre os judeus brasileiros e a sociedade brasileira como um todo. O conhecimento do idioma nacional – recurso raro entre os judeus que residiam então no país –, uma formação intelectual europeia – Pérez havia se formado na Aliança Israelita Universal – e a percepção de que havia pouca informação e uma "certa imagem negativa" sobre os judeus no Brasil impulsionam Pérez a criar pontes de diálogo com setores da sociedade maior. Assim, para seu diretor, o A Columna deveria servir como uma espécie de "trincheira contra a desinformação sobre o elemento judaico no país (Gherman, 2021)

4 SIONISMO E SHIMIUT VERSANDO SOBRE OS CONCEITOS DE SIONISMO, TERRA DE ISRAEL E TRADIÇÃO RABÍNICA

"Muitos rabinos sustentam que as mulheres são obrigadas a cumprir menos *mitsvot* porque não necessitam praticar certos mandamentos (por exemplo, a colocação do *talit* e dos *tefilin*) para alcançar um nível mais alto de espiritualidade" (Frankiel, 2000, p. 25-26).

As mitsvot, ou seja, os mandamentos, que permeiam a observância judaica, sobretudo no caso da condição da mulher estão vinculadas a práticas como o uso ou não do talit (chale de oração) e do

teflin, conhecido como filactérios (uma caixa de base retangular de onde sai uma fita e que possui um cubo que contém algumas bençãos em hebraico), bem como a participação das liturgias dentro das sinagogas são fatores, dentro do judaísmo ortodoxo, de diferenciação entre os gêneros que não refletiram no discurso do estatuto.

Além disso, um outro fato a se observar é que as diferentes profissões como comerciante, contabilista e responsável por prendas domésticas demonstram uma agência dessas mulheres na sociedade paraense. Enfim, a abordagem de gênero aqui empregada, embora não tenha se preocupado em mostrar as assimetrias do feminino e do masculino, ao invés disso se preocupou mais em mostrar as diferenças entre os corpos ligados à sexualidade que são ficcionados pelo social.

> A interseccionalidade visa dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado – produtores de avenidas identitárias em que mulheres negras são repetidas vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe, modernos aparatos coloniais (Akotirene, 2020, p. 19).

E é esse entrecruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe dos sujeitos que é passivo de se aplicar em uma análise acerca do feminino nesse estatuto, tendo em vista que ele demonstra uma estrutura burocrática oficial que dá voz à agência feminina, além de conter, nas páginas do estatuto, marcadores sociais que transpassam a experiência de vida desses sujeitos, como religião, ocupação e identidade política e comunitária, de tal forma que a interseccionalidade é um conceito chave para compreender as dinâmicas dessa associação. Entretanto, um outro ponto a se ressaltar é que o aspecto dos fins de dessa associação – despertar a consciência nacional da mulher e propagar o sionismo entre as mulheres judias – não pode ser entendido como um exemplo exclusivo ou de sororidade, devido ao fato que é comum, em algumas narrativas, que as pioneiras sejam retratadas da seguinte forma:

> A diferença entre as shtetele,[iii] como também no velho Yishuv (antigo periodo de colonização na Terra de Israel), era que a comunidade era pequena e fortemente unida. A comunidade dava a essas mulheres o calor, a afeição e a amizade de que elas necessitavam, justamente porque seus membros sabiam instintivamente que elas não sobreviveriam sem essa solidariedade básica. (S/N, p. 59, s.d)

A posteriori, vale frisar que, além disso, um ponto significativo sobre a agência feminina no judaísmo amazônico demonstrado no estatuto está presente na esfera da estrutura de imigração familiar apontada por Benchimol como um claro prenúncio de ficar nas novas terras (BENCHIMOL, 2013). E isto pode ter viabilizado uma outra interação que poderia possibilitar, anos mais tarde, uma aderência da mulher judia à participação administrativa já nos anos 20, que foi propiciada por fatores externos e internos da sua comunidade, como crises econômicas mundiais, grau de instrução de seu grupo de origem, como se verifica a seguir:

> As mulheres judias também, graças a escolaridade recebida, podiam educar melhor os seus filhos, mesmo nos longínquos confins do mundo dos altos rios e nas pequenas vilas e aldeias onde se estabeleceram. Elas também foram o braço forte dos seus maridos, na época da grande crise e depressão da borracha dos anos 20, quando, sentadas em uma máquina de costura Singer, fabricavam calças de brim, camisas feitas com sacos de algodão de embalagem de trigo e açúcar, para vender aos seringueiros e moradores locais, para ajudar os seus maridos. (Benchimol, 2013)

A escrita da história das organizações femininas na Amazônia aparece na obra de Pinto (2021) em um capítulo – "Organizações femininas: Wizo e Na'amat" – que traça uma retrospectiva de 1924, com o caso de Júlia Nahon, já mencionado, passa por 1926 quando ela deixa o Comitê Israelita do Pará devido a sua morte e seu cargo é repassado para sua filha, Alegria Nahon. Uma outra data importante foi a data de 1947, devido a chegada de uma representante da WIZO (abreviação em inglês para Organização Sionista Internacional de Mulheres)[iv], a professora Vitória Elauf, que tinha como objetivo divulgar os ideais dessa organização.

Já no estatuto de 1948, a difusão do sionismo é colocada como uma das finalidades da associação, uma prova cabal da relação do WIZO apontada por Pinto (2021) está na fotografia de uma carta escrita pelas Damas Israelitas, que se tratava do início de uma campanha para doação de ambulâncias em Israel. Esta correlação possibilita compreendermos a clara associação entre o WIZO com a associação. A Organização Internacional de Mulheres Sionistas, segundo Pinto (2021), era constituída por um grupo de pessoas apartidário que tinha como objetivo auxiliar as mulheres no recém Estado de Israel, como a criação de creches, escolas para imigrantes e até mesmo ajuda para mulheres que sofriam violência.

Estas dinâmicas de caridade não são colocadas nas finalidades da associação diretamente, entretanto, aparece nas finalidades das Damas Israelitas a ajuda a famílias pobres da comunidade: "b) atender apêlos de famílias pobres da comunidade."[v]. É interessante sinalizar que esta organização demonstra a associação entre feminilidade e a esfera do cuidado ao destacar a importância da ajuda para o mundo judaico e as participações em festas do calendário religioso, demonstrando uma não ruptura com as tradições religiosas do judaísmo ortodoxo de orientação rabínica tradicional.

Mas ao mesmo tempo, a associação é um espaço de convivência especificamente feminina ao ter, no anexo do estatuto, uma manchete do Diário Oficial com os nomes das integrantes, sendo possível compreender que as damas israelitas tinham na associação um espaço de convivência e de agência comunitária.

As medidas do estatuto das damas israelitas do Pará associadas com a Organização Internacional de Mulheres Sionistas poderiam estar alicerçadas em três conceitos: sionismo, invenção da terra de Israel e judaicidade, sendo respectivamente o movimento sionista foi conceituado por judeus como movimento político e nacionalista em uma época em que o Estado de Israel não existia.

Para Theodor Herzl, fundador do movimento e autor do livro "O Estado Judeu" (1998), considerava que a questão judaica não se trata de uma questão social nem religiosa, mesmo que tivesse esses matizes. Para Herzl, se tratava de uma questão nacional, que deveria ser resolvida a nível global, explicando assim o caráter universal presente na Associação das Damas Israelitas ao apoiarem Israel em 48.

No que tange à invenção das tradições, o historiador Sand (2014) ressignifica o conceito de Eric Hobsbawm de invenção das tradições e coloca no mundo judaico, a partir da perspectiva de uma construção nacional israelense forjada através de nacionalismos e invenções de tradições culturais e, até mesmo, de narrativas históricas para demonstrar que o Estado semita, desde antes da sua criação em 48, foi transpassado por inúmeras narrativas míticas e religiosas para lhe garantir legitimidade.

"A construção do mito de um povo judeu errante arrancado de sua pátria há dois mil anos e que aspirava retornar a ela na primeira oportunidade possível está impregnado de lógica prática, ainda que se baseie inteiramente em invenções históricas" (Sand, 2014, p. 343)

Isso tudo culminou numa judaicidade, a formação de uma identidade judaica que influenciou as damas israelitas na Amazônia em 48, haja vista que os elementos de propagação do sionismo, relação com a terra de Israel e vínculo cultural com as festas judaicas se intercruzam com o conceito de judaicidade:

> "O pensar judaico, definido pelo escritor judeu franco-tunisiano Albert Memmi (1920-2020), no artigo 'Negritude and Judeity' [Negritude e judeidade] um clássico da literatura pós-colonial, como judaísmo, judaicidade e judeidade, termos usados por ele para definir, respectivamente, a tradição judaica, o pertencimento judeu e o sentir-se judeu, relacionados com expressões da identificação judaica na modernidade" (Gherman, 2022, p. 11)

Embora as dinâmicas e conceitos supracitados tangenciem o sionismo, é necessários destacar que não entraremos nos aspectos da autodeterminação do povo, nem na guerra Árabe-Israelense de 1948-1949, nem muito menos serão mencionadas as dinâmicas que alicerçaram os conflitos na faixa de Gaza e a guerra atualmente em curso entre Israel-Hamas no ano de 2023 ao presente atual, 2024, tendo em vista que as possibilidades de interpretação documental coloca limites historiográficos que, se forem ultrapassados, seriam considerados anacronismos e falta de análise adequada do discurso da fonte.

5 COTIDIANO DA BELÉM DE 1948

A presença judaica na Amazônia se estabeleceu em meados do século XIX e, já no período da borracha no século XX teve seu apogeu. Sinagogas foram edificadas, comunidades Sefarditas-marroquinas foram se estruturando, segundo apontou Benchimol (2013). Entretanto, em sua obra, poucas páginas foram dedicadas às mulheres. A história do cotidiano descrita por Benchimol mostrou

apenas um pouco essas figuras, através dos pratos marroquinos e de algumas menções a figuras proeminentes.

"Dentro do lar, a mãe judia, além de ter que ser boa de cama, devia ser boa de cozinha para preparar para o marido e filhos a tradicional e deliciosa comida sefaradi-marroquina" (Benchimol, 2013, n. p.). Isto posto, é necessário mencionar que a historiografia que trata sobre o judaísmo, como Benchimol (2013) e Chrocron (2023), não se aprofunda na história do cotidiano das mulheres e também não adentra em abordagem de gênero sobre o feminino nesta religião.

Por isso, nesta pesquisa foi usado como aporte teórico a obra de Kushnir (1996), no que tange à função da mulher no mundo judaico. Entretanto, é preciso destacar que Kushnir aborda a trajetória das mulheres traficadas e aliciadas para o mundo da prostituição em São Paulo, que fundaram associações, cemitérios, entre outras redes de apoio do mundo semítico, já que este grupo era segregado por parte dos judeus mais religiosos e conservadores.

A partir de suas análises de documentos internos e burocráticos, é possível traçar uma perspectiva historiográfica e compreender as dinâmicas socioculturais em meio às páginas do estatuto. Aqui, é importante observar o uso da abordagem de gênero como uma metodologia imprescindível para discorrer sobre o feminino dentro do Estatuto das Damas Israelitas. Tendo em vista a objetividade e a clareza, é necessário explicitar obras fundamentais deste campo metodológico, sendo a primeira delas a obra "O Segundo Sexo" (Beauvoir, 2014), publicada em 1949, cujos primeiros trechos foram publicados em uma revista francesa, obra de referência do movimento feminista mundial.

"O Segundo Sexo" trata da história e da estrutura patriarcal hegemônica, ao mesmo tempo que mostra as opressões das mulheres ao longo do tempo. Beauvoir discorre sobre a invenção das mulheres, sobre como os homens as inferiorizavam e descartavam, considerando-as como o outro. Neste sentido, sua obra é imprescindível de ser explicitada como aporte teórico de nossa pesquisa.

Um outro ponto é a obra "Problemas de Gênero" (Butler, 2003), cuja autora questiona o patriarcado e traça uma metodologia específica para entender as estruturas que alicerçam a sociedade. Ela também questiona o poder hegemônico e os silenciamentos sobre o corpo feminino e mostra as diversas possibilidades de pesquisa a partir da abordagem de gênero ao mesmo tempo que problematiza a história, a ciência e a medicina produzidas por homens que segregam e invisibilizam a função da mulher, bem como as diferenças biológicas do corpo feminino.

Esta obra foi de fundamental importância nos estudos sobre gênero na historiografia brasileira, mas é necessário mencionar que atualmente existe uma discussão que atrela o feminismo aos estudos decoloniais, demonstrando uma interseccionalidade entre diversas culturas e o ser feminino sul-americano, asiático, entre outros e possibilitando uma pluralidade no sentido de feminilidade na atualidade.

> O feminismo decolonial, privilegiando a contestação à colonialidade do saber, também aponta caminhos de avanço político agora na chave latino-americana. Propõe uma revisão epistemológica radical das teorias feministas eurocentradas, o que inclui o fim da divisão entre teoria e ativismo, característica de nossos feminismos desde sempre (Varejão et al, 2020, p. 13).

Para o estudo deste último tópico, é necessário destacar a influência das correntes feministas, como as de Simone de Beauvoir e Judith Butler e a perspectiva feminista decolonial, bem como a historiografia sobre o corpo feminino feita por Priore (2011): "A história já nos mostrou, por variados caminhos, que quase tudo nunca foi como é agora, e a relação de uma sociedade com seu próprio corpo também reflete as mudanças complexas vivenciadas ao longo de variados processos históricos" (Priore, 2011, pp. 9-10).

É necessário destacar que Cancela (2021), embora trate das mulheres do século XIX e uma parte do XX, não se ocupa em discorrer sobre as judias na Amazônia, sendo necessário ressignificar as narrativas históricas desses sujeitos a partir dos estatutos, das descrições e das organizações das festas anuais da comunidade, bem como entrever através dos nomes das associadas uma invenção do sentido feminilidade judia, pois de acordo com Oyěwùmí (2021, p. 44), "Consequentemente, nos estudos de gênero transculturais, as teóricas impõem as categorias ocidentais às culturas não ocidentais e, então, projetam essas categorias como naturais".

Diante disso, é necessário destacar que fazer uma abordagem de gênero das damas israelitas do Pará de 1948 é investigar por uma teia de muitas vertentes historiográficas, indo desde os estudos de judaicidade até chegar aos estudos decoloniais sobre o feminismo, haja vista que ao analisar este estatuto é possível constatar uma interseção entre os valores judaicos e o feminino da Belém da década de 40.

A partir das descrições das atribuições dos cargos no estatuto, como a participação nas festas promovidas por eles, é possível constatar que as tradições inventadas tal qual proposto por Hobsbawm

> [...] parecem classificar-se em três categorias superpostas: a) aquelas que estabelecem ou simbolizam a coesão social ou as condições de admissão de um grupo ou de comunidades reais ou artificiais; b) aquelas que estabelecem ou legitimam instituições, status ou relações de autoridade; e c) aquelas cujo propósito principal é a socialização, a inculcação de ideias, sistemas de valores e padrões de comportamento (2021, p. 17)

É possível afirmar que a institucionalização da coesão social se faz presente na criação do estatuto, ao mesmo tempo que ajudou a legitimar entre as mulheres a judaicidade e a formação do Estado moderno de Israel, de tal forma que as festas e a construção de bibliotecas para as damas influenciaram na coesão e legitimação das políticas sionistas e da identidade judaica feminina na Amazônia. Isto tudo resulta, por fim, em uma invenção das mulheres, da diferença de gênero e até mesmo das abordagens feministas marcadas por caracterizações eurocêntricas e deterministas da função da mulher na sociedade, tal qual proposta por Oyěwùmí:

"Essa suposição foi importada da história europeia como o modelo da história global; e por causa da colonização e da formação educacional de pessoas de origem africana que pesquisaram a história, muitas dessas pessoas não se afastaram do modelo ocidental, que elas aceitaram como natural" (2021, p. 168).

Em síntese, é possível descortinar o cotidiano das damas israelitas presente nas folhas do estatuto a partir do prisma da abordagem de gênero, dos estudos decoloniais do feminismo e dos conceitos de invenção das tradições e invenção das mulheres, que apontam uma judaicidade singular na Amazônia ao mostrar a trama entre feminilidade e judaicidade em meados do século passado.

6 ANÁLISE DOS RESULTADOS

O estatuto demonstra em suas páginas um alcance metodológico de pesquisa plural ao ser possível encontrar fenômenos de identidade judaica específicos à Belém dos anos 40, que podem ser relacionados com o sionismo e as propostas do Estado judeu anterior à 48, ao mesmo tempo que o estatuto coloca como finalidade propagar o sionismo entre todas as mulheres judias. Entretanto, não é possível entrever, neste documento, uma influência clara do movimento internacional como foi no caso de algumas edições do jornal A Columna no Rio de Janeiro, apontada por Gherman (2021).

Ademais, as políticas internas das damas israelitas são análogas às políticas da WIZO, tal qual as descrições de Shapira (2018), em sua obra "Israel: Uma história". Por fim, também é necessário compreender que as damas israelitas, ao colocar como finalidades e obrigações a promoção da cultura judaica, mostram claramente os valores do iluminismo judaico, além de promoverem a judaicidade na Amazônia.

Em síntese, também pode-se afirmar que a invenção das tradições e a invenção das mulheres se fazem presentes neste documento através das descrições dos objetivos e das finalidades que descortinam, para nós, uma trama entre o feminino e a judaicidade típicos da Belém de 1948.

7 CONCLUSÃO

O estatuto das damas israelitas, com seus seis capítulos mais o anexo com uma fala do Diário Oficial sobre as damas do estatuto, demonstra uma Belém judia ao mesmo tempo que aponta para as dinâmicas socioculturais de um feminino ainda pouco estudado pela historiografia paraense.

As festas descritas, o incentivo à leitura e, principalmente, os nomes das integrantes da diretoria mencionados no Diário Oficial, Messody Benchimol, Alia Pazuelo e Gimol Tobelem, mostram a agência deste grupo de judias, que possibilita uma análise, ora política, das dinâmicas sionistas judaizantes, ora uma análise a partir da abordagem de gênero que transpassa o feminino e a judaicidade do período a partir dos conceitos de invenção das tradições e invenção das mulheres.

Mas, mais do que isso, o cotidiano deste grupo na metrópole paraense de 48 é um fragmento da narrativa histórica das mulheres em Belém do Pará do período. Essa pesquisa atentou demonstrar a agência das damas israelitas, ao mesmo tempo que buscou compreender o contexto político e as questões de gênero dentro dessa minoria étnica religiosa na Amazônia.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. Interseccionalidade. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2020.

A Mulher em Israel/Ano internacional da mulher, 1975. São Paulo: Organização das pioneiras, s.d.

BEAUVOIR, S. O segundo Sexo.1ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014. Ebook Kindle. 891 p. ASIN B00KXE103Y.

BERGMAN, I. Moshe. O Estado de Israel à Luz da Lei Judaica. 1ª ed. São Paulo: Editora Sêfer, 2002.

BENCHIMOL, Samuel. Eretz Amazônia: Os judeus na Amazônia. São Paulo: 277, 2013. Ebook (216 p.). ISBN B00CQADZ5E. Disponível em: https://amz.onl/9F8elbq . Acesso em: 10 de junho de 2022.

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. [1990].

CANCELA, Cristina D. Adoráveis e dissimuladas: as relações amorosas e sexuais de mulheres pobres na Belém do final do século XIX e início do século XX. 1ª ed. São Paulo: Livraria da Física, 2021.

CHROCRON, Iria; et al. Histórias da beira do rio: os judeus da Ilha do Marajó. 1ª ed. Juiz de Fora: Garcia, 2023.

Estatuto da Associação de Damas Israelitas do Pará/ Endereço: Belém do Pará/ Data de fundação: 19 de junho de1947 / Diário Oficial /10-B. Salvaguardado pelo Centro de Memória da Amazônia. BR PA CMA FTJE Cx: 01 Pt: 02 Qt:03

FRANKIEL, Tamar. A voz de Sara: a espiritualidade feminina e o judaísmo tradicional. 1ª ed. São Paulo: Maayanot, 2000.

GHERMAN, Michel. O não judeu judeu: a tentativa de colonização do judaísmo pelo bolsonarismo. São Paulo: Fósforo, 2022.

GHERMAN, Michel. O INÍCIO DO SIONISMO NO BRASIL: Ambiguidades da História. 1ª ed. São Paulo: Editora Unifesp, 2021.

GRIN, Monica; SORJ, Bernardo. Judaísmo e modernidade: metamorfoses da tradição messiânica. 1ª ed. Rio de Janeiro: SciELO - Centro Edelstein, 2008.

HERZL, Theodor. O Estado Judeu. Rio de Janeiro: Gramond, 1998.

HOBSBAWM, Eric. A Invenção das Tradições. Org e Trad. Terence Ranger e Celina Cardim Cavalcante. 14ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2021.

HOLLANDA, Heloisa B. de (org.); VAREJÃO, Adriana et al (autoria). Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais. 1ª ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. Ebook Kindle. 525 p. ISBN 978-85-69924-78-4.

KUSHNIR, Beatriz. Baile de Máscaras: Mulheres Judias e prostituição. 1ª ed. São Paulo: Imago Editora, 1996.

LE GOFF, Jacques. História e Memória. 7ª ed. São Paulo: Editora da Unicamp, 2013.

MIZRAHI, Rachel. Imigrantes judeus do Oriente Médio: São Paulo e Rio de Janeiro. 1ª Ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. (Coleção Brasil Judaico; 1 / dirigida por Maria Luiza Tucci Carneiro).

OYĚWÙMÍ, Oyèrónkẹ́. A invenção das mulheres: Construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. 1ª ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

PINTO, Iana Barcessat. Así És: O judaísmo na comunidade de Belém e suas segulot. 1ª ed. Rio de Janeiro: Talu Cultural, 2021.

PRIORE, Mary Del; AMANTINO, Marcia (org.). História do Corpo no Brasil. 1ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

SAND, Shlomo. A invenção da terra de Israel: Da Terra Santa à terra pátria. 1ª ed. São Paulo: Benvirá - Sob Demanda, 2014.

SCOTT, Joan. "Gênero uma categoria útil de análise histórica". Coleção Educação e Realidade. n°. 20, v. 02, jul-dez, 1995.

SHAPIRA, Anita. Israel: Uma história. 1ª ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2018.

WIZO. Wizo, 2023. Organização Sionista Internacional de Mulheres. Disponível em: http://wizosp.org.br/. Acesso em: 25 de jan. de 2024.

REFERÊNCIAS TEÓRICO-METODOLÓGICAS

PERROT, Michele. Mulheres Públicas. 1ª ed. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

[i] Estatuto da Associação de Damas Israelitas do Pará/ Endereço: Belém do Pará/ Data de fundação: 19 de junho de1947 / Diário Oficial /10-B. Salvaguardado pelo Centro de Memória da Amazônia. BR PA CMA FTJE Cx: 01 Pt: 02 Qt:03

[ii] Estatuto da Associação de Damas Israelitas do Pará/ Endereço: Belém do Pará/ Data de fundação: 19 de junho de1947 / Diário Oficial /10-B. Salvaguardado pelo Centro de Memória da Amazônia. BR PA CMA FTJE Cx: 01 Pt: 02 Qt:03

[iii] Pequenas cidades judaicas na Europa.

[iv] Organização que trabalha para promover uma sociedade igualitária para todos, apoiada por uma rede global de mulheres sionistas.

[v] Estatuto da Associação de Damas Israelitas do Pará/ Endereço: Belém do Pará/ Data de fundação: 19 de junho de1947 / Diário Oficial /10-B. Salvaguardado pelo Centro de Memória da Amazônia. BR PA CMA FTJE Cx: 01 Pt: 02 Qt:03